

**O texto do Clifford Geertz. Leitura e interpretação.** O que vocês acharam do texto: vamos pensar em termos de categorias diferentes:

1. O texto é difícil:
  - a. porque o autor escreve em uma linguagem muito complicada que poderia ser mais didática
  - b. porque o tema e a natureza deste são muito técnicas e complexas. O objeto é intrinsecamente complexo e difícil
2. O texto é chato e cansativo:
  - a. porque é mal escrito
  - b. porque não consigo entendê-lo e tenho de fazer um esforço mental contínuo
  - c. porque os assuntos de que trata não são interessantes (para mim)

O texto é difícil porque o tema é complexo, aliás, o C. G. diz que a antropologia ou as ciências humanas não devem tentar simplificar a complexidade, mas buscar formas de complexidade mais inteligíveis. É fácil de perceber qual é o tema do texto: de que maneira o conceito (moderno) de cultura alterou o conceito de homem; qual foi seu impacto. Nesse sentido, ele também fala do conflito ou tensão entre Relativismo e Universalismo. Geertz explica que o Universalismo se formou definitivamente com o Iluminismo. A noção mais importante do Iluminismo é a idéia da Razão comum como elemento que estabelece a base da comunidade entre os homens. Para Geertz, como para Gonçalves, tanto o universalismo como o relativismo clássicos oferecem perigos: “Ou o homem se dissolve sem deixar resíduos, em seu tempo e lugar, um filho e um cativo perfeito de sua era, ou ele se torna um soldado recrutado num vasto exército [universalista]”. APARENTEMENTE, Geertz quer superar o dilema entre universalismo e relativismo, pois de um lado temos um homem artificial para o qual todas as diferenças culturais são apenas detalhes a serem desprezados; por outro lado temos um homem sem nenhum conteúdo capaz de estabelecer uma comunidade humana; tudo se reduz à diferença. Como então encontrar algo que possa estabelecer essa comunidade entre os homens sem cair num universalismo absurdo e mítico? Os antropólogos foram criticar a clareza e simplicidade dos

ideais iluministas e universalistas do Iluminismo e até hoje não conseguiram se desenredar da confusão. Iluminismo: NATUREZA HUMANA: por trás das diferenças SUPERFICIAIS, esconde-se LEIS e UNIDADES de profundidade. Essa perspectiva UNIVERSALISTA não desapareceu simplesmente da Antropologia. Mas o Iluminismo era Radical: qualquer coisa que seja limitada a homens de certo período, raça, momento, etc... não contém nenhum valor de verdade e deve ser desprezado (só o universal é válido). Foi a possibilidade da *diferença significativa* que deu origem ao conceito de cultura. Por outro lado, seria um erro considerar que não há nada fora da diferença cultural, que a diferença cultural é irreduzível (o exemplo do transe balinês) e que não há nada fora dela. Assim, é muito difícil “traçar uma linha entre o que é natural, universal e constante no homem, e o que é convencional, local e variável” (48). A antropologia caminha entre essas duas constantes (a TENSÃO mencionada por Gonçalves): valorizando as diferenças em si mesmas, mas também tendo que não desprezar as constantes fora já do âmbito fácil da idéia de NATUREZA HUMANA (um simplismo já hoje insustentável). Por outro lado, o determinismo cultural absoluto gera erros como o RELATIVISMO CULTURAL e a EVOLUÇÃO CULTURAL. Mas sem dúvida que o mais importante (porque em oposição ao paradigma iluminista) é afirmar a significância das peculiaridades culturais. As várias e diferentes técnicas que se desenvolveram nesse sentido têm, contudo, um pano de fundo, um fator unificante: a concepção estratigráfica das relações entre os fatores biológico, psicológico, social e cultural da vida humana: O HOMEM é COMPOSTO de NÍVEIS (estratos). ORGÂNICO-PSICOLÓGICO-SOCIAL e CULTURAL. Ora, na biologia, psicologia e sociologia, é possível, em princípio, identificar algumas constantes (o que aliás caracteriza essas disciplinas). O primeiro passo da estratégia estratificante foi, contudo, buscar universais no nível da CULTURA. Desse modo, a antropologia poderia desenvolver um conceito de HOMEM coincidente com as dimensões fornecidas pela SOCIOLOGIA, pela PSICOLOGIA, pela BIOLOGIA. A noção de *consensus gentium*. Sempre existiu essa idéia, mas a antropologia moderna acrescentou algo de novo a ela: surge uma tentativa de equilibrar os dois elementos na cultura (o universal e o particular). Para que isso se sustente, os elementos universais

precisam: 1) os universais devem ser substanciais e não categorias vazias (idéias como Religião ou mesmo vida eterna são muito vagas e sem conteúdo empírico ou objetivo), 2) que eles sejam rigorosamente fundados em processos biológicos, sociológicos ou psicológicos e não vagamente associados a realidades “subjacentes”, 3) que possam ser tão convincentes para a definição de humanidade como é a multiplicidade de costumes particulares para a noção de culturas. Geertz acha que os três requisitos falham e expõe seus motivos. A idéia do *consensus gentium* é buscada, explica ele, pelo medo que tem os antropólogos de caírem num relativismo absoluto, numa dispersão máxima. **É preciso se perguntar se nas próprias particularidades da cada cultura não haveria algo que se pode dizer, de modo geral, sobre a espécie humana como um todo, sugere Geertz.** (56). TRATA-SE DE PROCURAR RELAÇÕES SISTEMÁTICAS ENTRE FENÔMENOS DIVERSOS E NÃO IDENTIDADES SUBSTANTIVAS ENTRE FENÔMENOS SEMELHANTES. Para isso deve-se abandonar a concepção estratográfica e unificar a linguagem das disciplinas: antropologia, sociologia, psicologia, etc... DUAS PROPOSTAS: 1) a cultura não deve ser vista como complexos de padrões concretos de comportamento, mas como conjunto de mecanismos de controle (programas); 2) o homem é o animal que mais necessita desses mecanismos de controle extragenéticos para ordenar seu comportamento. Coisas que estejam afastadas da realidade e sejam usadas para impor significado à experiência (signos, por exemplo). “Construir” e organizar a experiência. Três concepções que surgiram: 1) a percepção do erro em se propor a antedecência do des. biológico sobre (evolução) o des. cultural; 2) a descoberta da imp. do sistema nervoso central para a evolução do homem, 3) A compreensão de que o homem é, em termos físicos, um ANIMAL INACABADO. O Iluminismo e a antropologia clássica tem algo em comum: ambos são TIPOLOGICOS. Iluminismo: tira-se a cultura, fica o homem natural e universal; antropologia clássica: tira-se os traços culturais particulares e ficam os traços culturais universais e relevantes (o homem consensual). O universal é a variação: o homem é o indefinido, pois é o animal incompleto que é completado pela cultura. Página 64: ERRO de TRADUÇÃO: muitos de nossos “sujeitos” (inglês “subjects”: objetos de investigação). A

complexidade assustadora. No fundo, a idéia de Geertz é que a universalidade entre os homens está localizada exatamente na diferença!!! Ou seja, na idéia de que o homem é um ser que inventa (independente de épocas, lugares, etc) CULTURA(S) e que se manifesta através de uma diversidade de ritos e instituições. Será que isso não é apenas uma outra forma de relativismo? Essa pergunta ficará no ar. FALAR nos textos para as próximas aulas: Omar Calabrese e a Idade Neobarroca. Explicar quem é Calabrese (Umberto Eco); um pouco da idéia de era neobarroca, etc...

Nossa introdução antropológica é muito importante, pois ela nos instruiu com idéias básicas sobre o que é a cultura humana e nos proveu com essa noção de TENSÃO que usaremos até o fim.

**Outra leitura:**

Lévi-Strauss: explicação científica- substituição de uma complexidade menos inteligível por outra mais inteligível. Ciências exatas X Ciências Humanas. Geertz acha que nas ciências humanas pode-se ir ainda mais longe: trata-se de substituir os quadros simples por outros complexos, tentando manter a clareza persuasiva que acompanha os quadros simples. Ciências do Homem: COMPLEXIDADE, ao contrário das ciências naturais (onde se busca a simplicidade). Os antropólogos foram criticar a clareza e simplicidade dos ideais iluministas e universalistas do Iluminismo e até hoje não conseguiram se desenredar da confusão. Iluminismo: NATUREZA HUMANA: por trás das diferenças SUPERFICIAIS, esconde-se LEIS e UNIDADES de profundidade. Essa perspectiva UNIVERSALISTA não desapareceu simplesmente da Antropologia. Mas o Iluminismo era Radical: qualquer coisa que seja limitada a homens de certo período, raça, momento, etc... não contém nenhum valor de verdade e deve ser desprezado (só o universal é válido). Foi a possibilidade da *diferença significativa* que deu origem ao conceito de cultura. Por outro lado, seria um erro considerar que não há nada fora da diferença cultural, que a diferença cultural é irreduzível (o exemplo do transe balinês) e que não há nada fora dela. Assim, é muito difícil “traçar uma linha entre o que é natural, universal e constante no homem, e o que é convencional, local e variável” (48). A antropologia caminha entre essas duas constantes (a TENSÃO

mencionada por Gonçalves): valorizando as diferenças em si mesmas, mas também tendo que não desprezar as constantes fora já do âmbito fácil da idéia de NATUREZA HUMANA (um simplismo já hoje insustentável). Por outro lado, o determinismo cultural absoluto gera erros como o RELATIVISMO CULTURAL e a EVOLUÇÃO CULTURAL. Mas sem dúvida que o mais importante (porque em oposição ao paradigma iluminista) é afirmar a significância das peculiaridades culturais. As várias e diferentes técnicas que se desenvolveram nesse sentido têm, contudo, um pano de fundo, um fator unificante: a concepção estratigráfica das relações entre os fatores biológico, psicológico, social e cultural da vida humana: O HOMEM é COMPOSTO de NÍVEIS (estratos). ORGÂNICO-PSICOLÓGICO-SOCIAL e CULTURAL. Ora, na biologia, psicologia e sociologia, é possível, em princípio, identificar algumas constantes (o que aliás caracteriza essas disciplinas). O primeiro passo da estratégia estratificante foi, contudo, buscar universais no nível da CULTURA. Desse modo, a antropologia poderia desenvolver um conceito de HOMEM coincidente com as dimensões fornecidas pela SOCIOLOGIA, pela PSICOLOGIA, pela BIOLOGIA. A noção de *consensus gentium*. Sempre existiu essa idéia, mas a antropologia moderna acrescentou algo de novo a ela: surge uma tentativa de equilibrar os dois elementos na cultura (o universal e o particular). Para que isso se sustente, os elementos universais precisam: 1) os universais devem ser substanciais e não categorias vazias (idéias como Religião ou mesmo vida eterna são muito vagas e sem conteúdo empírico ou objetivo), 2) que eles sejam rigorosamente fundados em processos biológicos, sociológicos ou psicológicos e não vagamente associados a realidades “subjacentes”, 3) que possam ser tão convincentes para a definição de humanidade como é a multiplicidade de costumes particulares para a noção de culturas. Geertz acha que os três requisitos falham e expõe seus motivos. A idéia do *consensus gentium* é buscada, explica ele, pelo medo que tem os antropólogos de caírem num relativismo absoluto, numa dispersão máxima. **É preciso se perguntar se nas próprias particularidades da cada cultura não haveria algo que se pode dizer, de modo geral, sobre a espécie humana como um todo, sugere Geertz.** (56). TRATA-SE DE PROCURAR RELAÇÕES SISTEMÁTICAS

ENTRE FENÔMENOS DIVERSOS E NÃO IDENTIDADES SUBSTANTIVAS ENTRE FENÔMENOS SEMELHANTES. Para isso deve-se abandonar a concepção estratográfica e unificar a linguagem das disciplinas: antropologia, sociologia, psicologia, etc... DUAS PROPOSTAS: 1) a cultura não deve ser vista como complexos de padrões concretos de comportamento, mas como conjunto de mecanismos de controle (programas); 2) o homem é o animal que mais necessita desses mecanismos de controle extragenéticos para ordenar seu comportamento. Coisas que estejam afastadas da realidade e sejam usadas para impor significado à experiência (signos, por exemplo). “Construir” e organizar a experiência. Três concepções que surgiram: 1) a percepção do erro em se propor a antedecência do des. biológico sobre (evolução) o des. cultural; 2) a descoberta da imp. do sistema nervoso central para a evolução do homem, 3) A compreensão de que o homem é, em termos físicos, um ANIMAL INACABADO. O Iluminismo e a antropologia clássica tem algo em comum: ambos são TIPOLOGICOS. Iluminismo: tira-se a cultura, fica o homem natural e universal; antropologia clássica: tira-se os traços culturais particulares e ficam os traços culturais universais e relevantes (o homem consensual). O universal é a variação: o homem é o indefinido, pois é o animal incompleto que é completado pela cultura. Página 64: ERRO de TRADUÇÃO: muitos de nossos “sujeitos” (inglês “subjects”: objetos de investigação). A complexidade assustadora. No fundo, a idéia de Geertz é que a universalidade entre os homens está localizada exatamente na diferença!!! Ou seja, na idéia de que o homem é um ser que inventa (independente de épocas, lugares, etc) CULTURA(S) e que se manifesta através de uma diversidade de ritos e instituições. Será que isso não é apenas uma outra forma de relativismo? Essa pergunta ficará no ar.